

## Quem foi Leonor de Lancastre?



A Rainha Dona Leonor de Portugal (Dona Leonor de Lancastre, em solteira, ou Dona Leonor de Viseu, pelo nome do título secundário de seu pai, o Infante D. Fernando, nasceu aos 02 de Maio de 1458 e morreu aos 17 de Novembro de 1525. Foi uma princesa da Casa de Avis, rainha de Portugal a partir de 1481, pelo casamento com seu primo Don João II de Portugal, o Príncipe Perfeito:



*Ilustração do primeiro livro impresso em Portugal (1495), em gráfica criada por Dona Leonor, e onde aparece o casamento dela com o príncipe João, futuro rei Dom João II*

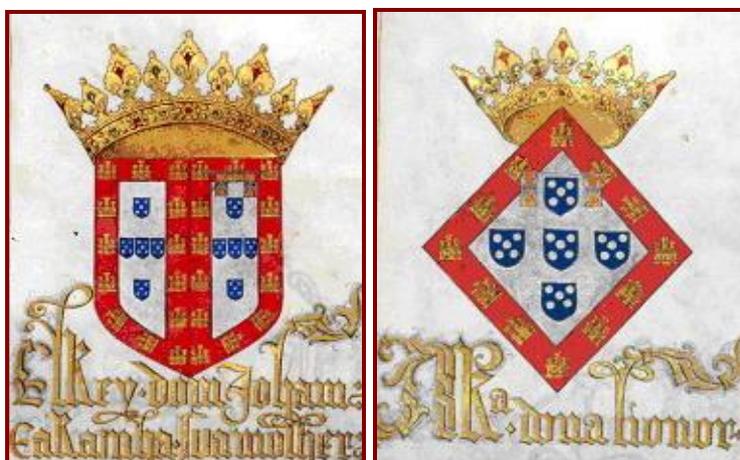
Pela sua vida exemplar, pela prática constante da misericórdia, e mais virtudes cristãs, alcançou de alguns historiadores o epíteto de Princesa Perfeitíssima, inspirado no cognome do seu marido. A rainha Dona Leonor de Aviz é também a segunda e última rainha consorte de Portugal nascida em Portugal, tendo a primeira sido a sua tia, e sogra, Dona Isabel de Aviz, mulher de Don Afonso V. Foi uma das mais notáveis soberanas portuguesas de todos os tempos, pela sua vida, importância, influência, obra, e legado aos vindouros. Foi também ela o primeiro dos ocupantes do trono português da dinastia de Bragança (pela sua avó materna, a Infanta Dona Isabel, filha do 1º Duque de Bragança) e a ela seguiu seu irmão Don Manuel I, e de pois seu sobrinho Don Jaime I, Duque de Bragança. As Pessoas Reais, em Portugal, não tiveram, usaram ou assinaram jamais qualquer sobrenome até ao sc. XIX. No entanto, duas das netas da rainha Dona Filipa de Lancastre usaram o Lancastre, em homenagem a essa sua avó ou bisavó: Dona Filipa, filha do Infante Regente Don Pedro, e Dona Leonor. Dona Leonor era filha do Infante Don Fernando, Duque de Viseu e Condestável do Reino (filho do rei Don Duarte de Portugal e da rainha Dona Leonor de Aragão), e de sua mulher a Infanta Dona Beatriz, também ela uma princesa de Avis. Era neta materna de Dona Isabel de Bragança (filha do 1º Duque de Bragança) e do Infante D. João, Condestável do Reino. Entre seus irmãos, o mais velho foi o Infante Don João, 3º Duque de Viseu e Beja, que morreu novo, solteiro, logo sucedido por Don Diogo, 5º Duque de Viseu.; o "benjamim" da família, onze anos mais novo do que a futura rainha, era Don Manuel. Era prima direita do Maximiliano I, filho de uma irmã de seu pai, e de Isabel a Católica, rainha de Castela, filha de uma irmã de sua mãe, entre outros. D. Leonor foi destinada ao nascer ao Príncipe Perfeito

por vontade de seu tio Don Afonso V, desde quando nasceu, conforme acordo feito com seu irmão, pai de Dona Leonor, o Infante Don Fernando. Casou, em 22 de Janeiro de 1470 com o primo Don João quando apenas tinha 12 anos de idade, e ele 15. Tendo crescido juntos e amigos, tiveram um casamento unido, que nem quando o rei teve de executar o irmão mais velho da rainha, Don Diogo, Duque de Viseu e Beja, e mandar julgar e decapitar ao seu outro cunhado Fernando II, Duque de Bragança, ambos por traição e tentativa de depor o Rei, o casamento se desfez. Don João III era seu primo pelo lado paterno e pelo lado materno, pois tanto o rei como a rainha eram netos, cada qual, de dois filhos diferentes de D. João I e de D. Filipa de Lancastre. Após a morte do rei, em 1495, subiu ao trono seu irmão Don Manuel; quando este se casou, a rainha passou a ser conhecida como Rainha Velha até à sua morte. As rainhas de Portugal contavam com o rendimento de bens senhoriais e patrimoniais da Coroa destinados à sua sustentação e dignidade. Este patrimônio era chamado Casa das Rainhas. Dona Leonor, além das vilas herdadas das rainhas que a precederam, foi dotada pelo rei com as cidades de Silves e Faro, e as terras de Aldeia Galega e Aldeia Gavinha. Na Casa das Rainhas que manteve em viúva, mesmo depois de D. Manuel casar, estava também incluída a cidade das Caldas, que ela própria fundara. Dona Leonor reinou no apogeu da fortuna da expansão portuguesa, quando Lisboa se transformara na capital europeia do comércio de riquezas exóticas: e foi por isso mesmo no seu tempo a mais rica princesa da Europa. Essa grande fortuna cresceu exponencialmente com a chegada dos portugueses à Índia e com o comércio ultramarino, pois seu pai fora filho adotivo e herdeiro universal do Infante D. Henrique, o Navegador; todavia essa fortuna empregou-a, após a viuvez, na prática da caridade constante, da devoção verdadeira, no patrocínio de obras religiosas, e sobretudo na assistência social aos pobres. Foi assim que encorajou, fomentou e financiou o projecto de Frei Miguel Contreiras de estabelecimento da Misericórdia De Lisboa, criada em 1498) e as demais, geridas por irmandades em todo o Reino, notável iniciativa precursora em toda a Europa. Na viuvez continuou a manter destaque na corte lusitana, sendo regente do Reino mais do que uma vez. Desprezando a vida mundana, retirou-se a viver no seu Paço de Xabregas, junto com a imensa casa dos seus servidores e criados. Apesar de se situar relativamente perto do Terreiro do Paço, a residência independente em Xabregas permitia-lhe uma vida mais serena e propícia à devoção e austeridade religiosas que se determinou a seguir, ao tomar o hábito laico. Apoiou D. Manuel na fundação do Hospital de Todos os Santos, no Rossio de Lisboa, o melhor hospital da Europa no seu tempo; e participou incisivamente da fundação do hospital termal de Caldas da Rainha, cuja construção e funcionamento custeou, e que, em justa homenagem dela tira o nome. Ainda hoje as Caldas da Rainha mantêm como armas as da rainha D. Leonor, ladeado à esquerda pelo seu próprio emblema (o camaroeiro) e, à direita, pelo emblema de D. João II (o pelicano). O mais belo e notável dos monumentos, ou edifícios que a rainha ordenou fossem construídos, e onde repousa, é o Convento da Madre de Deus, em estilo gótico manuelino, que abriga hoje o Museu Nacional do Azulejo, constituindo um dos mais ricos patrimônios culturais portugueses. Ao morrer quis nele ser sepultada. Foi inaugurado em 1509, e desde então ficou sempre integrado na Casa das Rainhas, sendo ocupado pelas clarissas, ou Franciscanas Descalças, ordem religiosa à qual a rainha, ao enviuar, fez voto. O Convento sobreviveu ao terremoto de 1755. A Rainha teve dois filhos: um morreu ao nascer, e o outro, Príncipe, Don Afonso, herdeiro do trono, morreu precocemente em acidente de queda de cavalo no Vale de Santarém em 1491, pouco depois de ter se casado com a princesa Dona Isabel de Aragão, herdeira dos Reis Católicos nos seus tronos de Aragão, Castela, Nápoles e Sicília. Durante o seu casamento com D. Leonor, o rei teve um filho bastardo com Ana de Mendonça, dama de companhia de Dona Joana, sogra de Dona Leonor: Senhor Jorge; o rei pediu a Dona Leonor que lhe servisse de mãe, o que a rainha aceitou, vivendo o Senhor Jorge junto ao seu meio irmão até a morte deste; depois deste evento, Dona Leonor distanciou-se do bastardo principalmente quando descobriu que o seu marido determinara torná-lo seu sucessor, apesar de o direito português não o autorizar isso; Don João tentou uma acção junto da Santa Sé, tentando obter o reconhecimento pelo Papa de Jorge ser declarado filho legítimo; incisivamente a Rainha se interpôs, defendendo os direitos sucessórios ao seu irmão Don Manuel — o varão mais próximo do rei. Conseguiu seu intento e Don Manuel assumiu o trono em 1495 após a sua morte de Don João (Don Manuel foi chamado de *O Venturoso*). Ao subir ao trono Don Manuel era solteiro; com isso, a rainha tornou-se automaticamente herdeira do trono. Porém, considerando-se sem idade para vir a ter sucessão própria, além de estar já consagrada às obras de caridade, não quis ser jurada herdeira. Dona Leonor morreu no seu Paço de Xabregas, junto ao convento que fundara, onde quis ficar sepultada, em campa rasa de fria e nua pedra, num lugar de passagem, para que todos a pisassem, um gesto de grande humildade que comove; quis deixar aos vindouros que por ali viessem a passar um sinal da pequenez das coisas do mundo diante da eternidade.

ICONOGRAFIA:



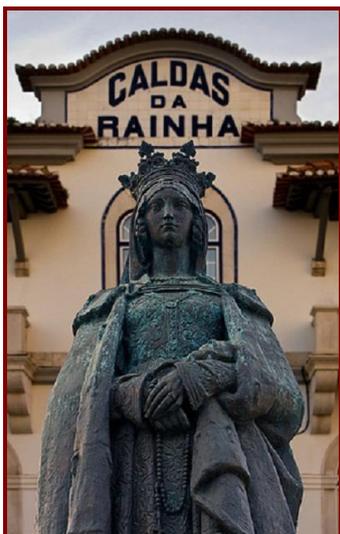
*Dona Leonor em oração*



*Armas de Dona Leonor como rainha e como viúva*



*Estátua de Dona Leonor na sua cidade natal, Beja; Brasão das Caldas da Rainha, cidade fundada pela Princesa Pefeitíssima, baseado nas armas da soberana.*



*Dona Leonor, imagem em Caldas da Rainha, Portugal e ao lado escultura homenagem, da autoria de Ferreira da Silva, no jardim do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, onde lê "Leonor até ao fim do mundo"*



*Chegada das relíquias de Santa Aua, no Convento Madre de Deus (fundado por dona Leonor) relíquias estas doadas por Maximiliano I (Primo de Dona Leonor que, nesse momento, já viúva, tinha tomado o hábito de freira sendo ela representada na bancada ao fundo - a primeira à esquerda)*



*A Rainha, rezando com seu Livro de Horas (pormenor de pintura flamenga "Panorama de Jerusalém", oferecida por seu primo, o imperador Maximiliano I) e pintura sobre azulejo em parede de hospital na cidade de Beja, onde ela nasceu.*



*Convento Madre de Deus, no Bairro de Xabregas, em Lisboa,*



*No Convento da Madre de Deus a capela onde está a lápide de Dona Leonor no Convento Madre de Deus onde se lê:  
"Aqui está a rainha Dona Lianor mulher Del Rei Dom João Segundo  
que é fundadora deste convento"*



*Representação da Rainha D. Leonor, por José Malhoa, 1926) que junto á doação ao povo de Caldas da Rainha acrescetou a descrição:*

*"uma figura feminina coroada, de olhos azuis claros e cabelos ondulados, de corpo inteiro e sentada frontalmente, ao centro da composição; apoia o braço direito no trono em que se encontra sentada e segura uma ponta do manto, com a mão oposta. Apresenta um vestido amarelo/dourado, que se ajusta e destaca as formas anatómicas, realçado na cintura por cinto laranja, donde pende, ao centro, um ponta até a uma bolsa ricamente decorada com jóias, descaída junto do seu joelho direito; o vestido, comprido, apenas deixa visível a ponta do pé direito, com sapato da mesma cor, descansando sobre escabelo verde. Pelas costas, cobrindo-lhe o ombro esquerdo, um manto vermelho, com gola de arminho, descaindo para o seu lado esquerdo, sobre o estrado do trono. Destaca-se a riqueza colorida das jóias da coroa, da fivela do manto e do cinto, em contraste com a palidez do rosto, contornado pelos cabelos dourados. Atrás da figura, entre duas colunas adossadas, encontra-se verticalmente exposto um pano de fundo azul claro e ornamentação vegetalista dourada, com o escudo português ao cima."*

Texto: Prof. Dr. Décio Cassiani Altinari - Vice Mordomo do Museu e Capela